Ambientes e afetos: a constituição saudável e criativa em Winnicott e Espinosa

Environments and affections: healthy and creative constitution in Winnicott and Espinosa

Maria de Fátima Delgado Lopes

Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

Este artigo visa a apresentar algumas observações a partir da teoria e da clínica psicanalítica de Winnicott, em comparação com a teoria dos afetos da filosofia de Espinosa. Tentando estabelecer um possível diálogo entre elas, já que ambas se adequariam a uma visada da completude do ser e da integração dos aspectos somático e psíquico do homem, por reconhecerem a importância do ambiente em sua função constituinte da natureza humana, caminharíamos no sentido de considerar a primeira na perspectiva de uma "expressão clínica" da segunda. Isto significa que uma importante vertente ética na história da Filosofia Ocidental, o pensamento de Espinosa, pode dar legitimidade teórica a uma escola psicanalítica que sustenta uma nova proposta em relação à Psicanálise tradicionalmente instituída sob os pressupostos originais de Freud.

Palavras-chave: Psicanálise; Ética; Desenvolvimento psíquico.

ABSTRACT:

This paper presents some observations from the psychoanalytic theory of Winnicott, in comparison with the theory of the affections of Spinoza's philosophy. Trying to establish a possible dialogue between them, since both fit a target of the completeness of being and integration of somatic and psychic aspects of man, inasmuch as they recognize the importance of environment and its constitutive function of human nature, one would walk towards to consider the first in a prospect of a "clinical expression" of the second. This means that an important ethical dimension in the history of Western Philosophy, Spinoza's thought, can give legitimacy to a theoretical psychoanalytic school that submits a new proposal in relation to psychoanalysis traditionally established under the original assumptions of Freud.

Key-words: Psychoanalysis; Ethics; Psychic development.

Introdução

Ao se ler alguns artigos de Psicanálise[1], que trazem a urgente temática dos caminhos que esta prática deve trilhar numa fase tanto de convergências quanto de divergências entre as escolas que a representam e entre seus pressupostos e os das novas descobertas das neurociências, percebe-se que se anuncia uma necessidade de revisão de

alguns de seus conceitos. Este novo momento vem solicitando dos profissionais e teóricos, tendo em vista a demanda de muitos pacientes que não respondem bem à técnica clínica tradicional, novas abordagens da constituição do indivíduo. Os relatos de tais casos demonstram uma grande dificuldade dos profissionais em adequá-los aos conflitos psicológicos conhecidos. Muitos deles, que normalmente seriam considerados distúrbios neuróticos, com suas respectivas defesas ao tratamento, passam a intrigar psicanalistas pela irredutibilidade às técnicas de transferência e pela crescente aproximação com quadros psicóticos, ainda que em episódios isolados ou "borderlines".

Tal perspectiva torna-se mesmo significativa para olhos leigos em Psicanálise, porém mais familiarizados com alguns pressupostos éticos da Filosofia, que percebem, naquela, uma mudança de direção que há muito se anuncia nesta, e que é explicitamente tematizada pelo pensamento de Baruch de Espinosa na sua "Ética". Esta obra póstuma do pensador holandês de ascendência judaica concebe o humano como possuindo, desde o nascimento, a capacidade existencial para atingir uma potência. Apesar de um autor do século XVII, seu pensamento, a partir de conceitos como potência, *conatus*, afecção e afeto, que tentaremos pontuar adiante, realiza uma vigorosa e atual explicação da natureza humana. Muitas interpretações admitem que, em sua filosofia, a potência do homem se realizará se o indivíduo for submetido a determinadas condições afetivas que proporcionem seu desabrochar neste sentido. Na parte III da Ética, encontra-se a teoria dos afetos, onde, para Deleuze, por exemplo, Espinosa estaria dizendo que uma posição passiva inicial, na qual a criança ainda não é capaz de escolher e, por força, se submete àquilo que o meio lhe oferece, é um solo capaz de permitir a passagem a uma posição ativa, de escolha e criação individual, se o recebido foi bom, positivo e útil em relação a este ser ou, na linguagem espinosista, "compôs" com ele (DELEUZE, 1968).

Espinosa e os afetos

A ontologia de Espinosa concebe o homem como um dos "modos" de Deus, a substância infinita e perfeita. Isto quer dizer, de maneira simplificada, que o homem é uma das expressões divinas. Os atributos, que são aquilo que o intelecto percebe da substância como constituindo sua essência, podem ser considerados uma propriedade essencial da substância; enquanto que modos são as "afecções" da substância, algo como os "acidentes" de Deus. Assim, também somos "modos" dos atributos divinos, isto é, expressões de sua essência e constituímos formas finitas pelas quais a essência

ilimitada de Deus se expressa. Isso implica a consideração de Deus, dos homens e de toda a natureza num único plano de existência, sendo Deus a mais completa e abrangente forma. Ou seja, tudo o que existe pertence à natureza divina ou, poderíamos dizer, tudo é Deus.

Para Espinosa, aquilo que o intelecto percebe como a essência da substância constitui, do ponto de vista lógico, o que a substância realmente é em essência. Assim, a realidade material e a realidade lógica de qualquer coisa são dois atributos de sua mesma essência, ou seja, aquilo que é atribuído à realidade daquela coisa. Por consequência, a substância pensante e a substância extensa são uma e a mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob outro. Sendo Deus infinito, possui infinitos atributos, que revelam sua essência eterna e infinita. No entanto, devido à nossa limitada compreensão, dele podemos apreender apenas dois: o da extensão e o do intelecto. Ou seja, atribuímos a Deus a extensão infinita; melhor dizendo, percebemos sensorialmente a substância divina como de infinita materialidade e, por outra forma de apreensão, atribuímos-lhe também a ideia de um ser infinito e a capacidade de nos fazer conhecê-lo pelo intelecto.

A questão ética em Espinosa passa obrigatoriamente pelo conceito de potência, que pode ser traduzido pelo poder de alguém ou algo ser "afetado". Esta aptidão corresponde à essência da substância e dela é inseparável, ocorrendo continuamente. Em Deus não há aptidão ou poder que não sejam efetuados; portanto não há potência que não seja atual, ativa, já realizada. Nele só há afecções, os modos, manifestações ativas que se produzem necessariamente, pois dizer que Deus "sofre" ou é paciente, ou que suas afecções lhe vêm de fora, seria limitar o poder de agir de Deus por uma instância exterior, o que é impossível, sendo Deus absoluto e infinito. Seu entendimento perfeito produz afecções que só podem provir de ideias perfeitas das coisas que produz, de suas ações, que Espinosa chama de "ideias adequadas". Para o filósofo, um espírito é ativo na medida em que as possui; já as paixões caracterizam um espírito passivo, ou seja, que depende exclusivamente de ideias inadequadas (ESPINOSA, 1997). Da mesma forma que a potência é a essência da substância infinita, o *conatus*, ou o esforço da potência dos modos finitos, constitui sua essência, pois, sem ele, o ser deixa de existir e não pode ser concebido, não há "vida", não se mantém a organização elementar que constitui o indivíduo. Quanto mais *conatus* houver, maior a independência desse objeto em relação ao meio e mais ele é "em si mesmo" (SCRUTON, 2001).

O homem está, portanto, num estado passivo, sujeito a ser afetado por encontros bons e ruins, por ideias ou emoções que o modificam, aumentando ou diminuindo sua potência, enquanto não é capaz de formar as próprias ideias adequadas, ou seja, que adequadamente representam a realidade das coisas. Logo, os modos da essência divina têm uma potência que igualmente deve ser alcançada, mas que o pode ser por afecções produzidas pelas coisas exteriores, as afecções "passivas", das quais pouco ou nada conhecem, ou por aquelas produzidas pela sua própria essência, pelo seu próprio poder de agir, as "ativas", das quais têm um conhecimento adequado. Espinosa diz que se algo aumenta ou diminui, facilita ou reduz a potência de agir de nosso corpo, assim também a ideia dessa mesma coisa aumenta ou diminui, facilita ou reduz a potência de pensar de nossa alma (ESPINOSA, 1997). Assim, as paixões da alegria e da tristeza e as que delas decorrem, respectivamente, são explicadas pela passagem de nossa alma a uma maior ou menor potência. Por termos nossa potência aumentada ou diminuída ao experimentarmos um conhecimento adequado ou inadequado daquilo que nos afeta, é que justamente sentimos isso como afetos alegres ou tristes. Portanto, ainda que, a princípio, só tenhamos ideias inadequadas de qualquer coisa que nos proporcione bons afetos passivos, como uma paixão alegre, por exemplo, esta contribui com nosso *conatus*, nos leva a um estágio de maior entendimento daquilo que nos afeta, sendo útil ao aumento de nossa potência, à busca de nossa própria essência.

A aquisição desta essência, o ato de nos tornarmos "nós mesmos" acontece ao aproximarmo-nos de nossa potência individual. Deleuze considera que esta potência que Espinosa atribui, no homem, à sua razão, força ou liberdade, é conquistada através de uma formação, uma espécie de "cultura" que se adquire (DELEUZE, 1968). Esta preparação o leva a escolher os bons encontros que aumentam sua potência, que permitem que forme ideias adequadas das coisas que compõem com seu ser, ao mesmo tempo em que é capaz de evitar os maus encontros que subtraem-lhe a potência, que ajudam a "decompor" ou desvirtuar a sua essência. E este processo de formação é, sem dúvida, acompanhado de alegrias, de bons afetos. Porém, o indivíduo que definitivamente toma posse de sua potência é aquele que se libertou do estágio de *pathos*, da dependência de bons ou maus afetos, de sofrimento ou alegrias que simplesmente lhe advêm. Passa efetivamente a agir, ao invés de simplesmente reagir, tornando-se criativo e responsável por sua existência, ou seja, alcança a potência humana. Pronto para ativamente escolher os outros corpos que compõem com o seu e o

fazem experimentar bons afetos, está aberto à experiência do que Deleuze chama de "ordem dos encontros" (DELEUZE, 1968).

Poderíamos dizer, numa linguagem psicanalítica, que tal indivíduo está pronto para entrar no mundo real, em que deve lutar para receber o que quer e precisa, que não mais terá tudo à mercê dos seus desejos. No entanto, o suor de sua conquista será positivamente aproveitado para aproximá-lo cada vez mais de sua essência, de sua potência, de sua realização integral. Assim, onde alguns veriam um mundo de falta, da "queda" do Paraíso e do reconhecimento de uma falha, torna-se claro, pela perspectiva espinosista, que o que se procura alcançar é um mundo de completude, de uma possibilidade absoluta de se concretizar a própria potência. Ascende-se a um estágio mais gratificante, mais independente, mais positivo, criativo, ativo e soberano, ao mesmo tempo em que menos passivo, submisso e limitado da natureza humana.

O ambiente e o despertar do *self*

Nos conceitos iniciais criados pelo psicanalista inglês Donald Winnicott, através da observação do desenvolvimento infantil primordial, encontra-se a fase remota da dependência absoluta. Nos primeiros seis meses de vida, em que o bebê não conceberia nenhuma diferenciação sua em relação ao meio, ele obteria, além da satisfação de suas necessidades fisiológicas, satisfações de cunho psíquico, às quais uma mãe sensível se adaptaria para tentar atendê-las de modo pleno. Num ambiente hostil, ao contrário, com inúmeros obstáculos ao desenrolar dos processos vitais da criança, não se propiciaria a maturação do eu que ali está em formação. Assim, o incipiente ego individual corre o risco de não se desenvolver apropriadamente, sendo acometido por sentimentos ofensivos à sua pequena constituição, como medo assustador e extrema angústia.

Para Winnicott, as angústias quase insuportáveis para o psiquismo do bebê podem evoluir, conforme o grau de agressão, até as psicoses e clivagens do ego. De qualquer forma, um estado menos grave de dissociação é o da constituição da personalidade em torno do falso *self*, o "traço principal da reação do bebê às falhas de adaptação da mãe" (NASIO, 1995). Neste caso, o pequeno ser renunciaria às suas necessidades psíquicas, adaptando-se às da mãe que não o acolhe. Trata-se de uma submissão que representa a aquisição de um novo modo de ser, não de acordo com o próprio ego, porém numa adaptação ao ego materno ou àquilo que o ambiente determinou, pela incompreensão, pela intolerância. Assim, os sucessivos fracassos experimentados só puderam dar origem ao que Winnicott chama de falso *self*, ou seja,

uma parte defensiva do que poderia vir a ser o ego do indivíduo, que não é dele próprio e sim adquirido em resposta a um ambiente que de alguma forma o agrediu, nele imprimindo marcas que enfraqueceram sua potência original.

Por esta razão, a clínica winnicottiana aponta para uma ampliação do conceito de transferência na técnica psicanalítica tradicional, através da necessidade de uma regressão do paciente a um estágio primitivo de seu desenvolvimento infantil. Este seria anterior à fase do narcisismo primário, alcançada apenas se tudo houver se processado mais ou menos "tranquilamente", de forma a permitir uma individuação posterior do bebê de seu meio. Desta forma, se isto não ocorre, o paciente se caracteriza por não ter ainda um ego completo, mas, ao invés disso, um falso *self*. Torna-se, assim, necessário propiciar-lhe o que não encontrou primitivamente, para que se torne possível o emergir de seu verdadeiro *self.* Este estaria recluso e indefinido sob a camada congelada do que o autor chama "situação de fracasso", a experiência insuficiente de integração psíquica e corporal, que ajudou a constituir o pretenso eu. A regressão como prática terapêutica possibilitaria esta nova adaptação, adequada às necessidades reais do indivíduo. O analista deve, portanto, fornecer agora o meio eficaz para a integração do ego, por um retorno à dependência original, realizado sob a sua orientação, agora no papel da "mãe boa" que esteve ausente. Isto se daria num *setting* propício, acolhedor, numa tentativa de reconquista tardia de um narcisismo primário bem sucedido, necessário às posteriores etapas psíquicas que tornariam o indivíduo um eu independente. Dar esse suporte e respeitar sua necessidade talvez seja tudo o que o paciente precise num momento inicial.

Winnicott apontou, nos pacientes psicanalíticos tradicionais, a existência de um ego íntegro, bem formado, que já havia passado por épocas críticas do desenvolvimento, como a fase narcísica e o Complexo de Édipo. Assim eram os neuróticos para Freud (WINNICOTT, 1954): pessoas cujas dificuldades eram do âmbito das relações interpessoais, nas repressões e projeções e na transferência com o analista. Muitas vezes não há uma eficaz transferência capaz de constituir-se em via de comunicação do inconsciente, o que não pode ser totalmente atribuído a uma resistência do paciente. Nesta perspectiva, o *self* não coopera com o tratamento, uma vez que é dissimulado, não corresponde à real essência do paciente, a seu ego verdadeiro. Na regressão, ao contrário, os sintomas e manifestações somáticas aparecem, assim como algumas manifestações infantis de carência e desproteção como, por exemplo, se sujar, se molhar

e babar, o que deve ser compreendido pelo psicanalista e aceito sem intervenção (FORLENZA NETO, 2007) e sem interpretação, numa condição de extrema confiabilidade. E é o analista presente, mas não intrusivo, que espera e respeita as defesas do paciente, aquele que acena com a esperança de um novo começo, dando-lhe um pouco do "bom afeto" que faltou em sua formação psíquica.

Conclusão

Não podemos deixar de tentar traçar, neste ponto, alguns paralelos com o pensamento de Espinosa. O que este chama de afecções passivas alegres, ou de bons afetos, as emoções agradáveis e os bons sentimentos que experimentamos através delas, tais como alegria, amor, coragem, perseverança e todos os que contribuem para o aumento da potência do ser, poderia ser reconhecido como aquilo que Winnicott classifica como uma adaptação satisfatória do meio às necessidades da formação de um *self* verdadeiramente integrado ao ego. O primeiro admite que não se nasce livre nem dotado de razão e, conforme explicita em algumas passagens (ESPINOSA, 1997), a infância é um estado de impotência semelhante ao da escravidão, um estado insensato no qual se depende ao máximo de causas exteriores, em que se tem necessariamente mais tristezas que alegrias e onde jamais alguém esteve tão separado da potência de agir (DELEUZE, 1968). Isto, de certa forma, preconiza a necessidade de aquisição de bons afetos, para que o indivíduo, a partir do conhecimento e da identificação a uma realidade positiva que o formou inicialmente, seja capaz de, por si só e ativamente, saber encontrar outros bons afetos que continuem a compor-se com ele e lhe possibilitem o aumento de sua potência. Já Winnicott pontua a necessidade de um ambiente positivo e favorável que conduza à integração do ego saudável, a uma integral e autêntica formação do psiquismo, que permita da mesma forma um futuro libertador, criativo, ou, utilizando o envolvente vocabulário de Espinosa, um aumento da potência do ser.

Espinosa fala de corpos que se afetam mutuamente no sentido do aumento de sua potência, de acordo com o *conatus*, e que, principalmente, são capazes de “formar ideias adequadas” de seu próprio ser, com consciência de seus caminhos para o alcance de sua essência. Em Winnicott, para que o indivíduo se constitua numa unidade, num “eu” próprio, separado do “não-eu” do ambiente que o cerca, no caminho do *self* verdadeiro, é necessário que seja capaz de integrar também seu psiquismo a seu corpo, ou seja, compreenda seus sentimentos, emoções e pensamentos como pertencentes ao

seu corpo limitado, seu "psicossoma". E, se assim não for, não é um corpo integral, não se pode dizer que há ali um indivíduo próprio, talvez apenas tenha a sensação de pertencer a um outro corpo, a outro indivíduo, a outra situação que se perdeu num passado remoto do qual não tem lembrança, nem muito menos consciência, porque ainda não "era". Contrariamente ao que quer uma corrente clássica da psicanálise, não há só uma consciência capaz de se haver com suas pulsões; muitas vezes pode vir a ser um corpo que não tem ainda nem mesmo esta consciência de que pode vir a ser um continente de pulsões.

Referências

BIRAULT, Henri. De la beatitude chez Nietzsche - Nietzsche, Em: Cahiers de Royaumont. Paris: Minuit, 1967.

BEZERRA, Benilton e ORTEGA, Francisco. "Apresentação". Em: BEZERRA, Benilton e ORTEGA, Francisco (orgs.). *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007.

DAVIS, Madeleine e WALLBRIDGE, David. *Limite e espaço: Uma introdução à obra de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa. Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

_____ *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968.

ESPINOSA, Baruch. *Ética*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

FORLENZA NETO, Orestes. As principais contribuições de Winnicott à prática clínica, *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.42, nº 1, 2008. http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S0486641X2008000100009&lng=pt&nrm=iso , acessado em 24 de junho de 2009.

_____ "Constituição do si-mesmo e transicionalidade". Em PINTO, Manuel da Costa (org.). *O Livro de Ouro da Psicanálise. O pensamento de Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

KHAN, Massud. "Introdução". Em WINNICOTT, Donald. *Da pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

MACHADO, Roberto. *Deleuze e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

NASIO, Juan David. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Grodeck, Klein, Winnicott, Dolto e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ORTEGA, Francisco. "Self e continuidade entre Winnicott e William James". Em: BEZERRA, Benilton e ORTEGA, Francisco (orgs.). *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007.

SCRUTON, Roger. *Espinosa*. Ed. Loyola: São Paulo, 2001.

VILETE, Edna. Regressão no processo analítico. A visão de Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.36, nº4, 2002. www.centrowinnicott.com.br, acessado em 29 de maio de 2009.

WINNICOTT, Donald. "Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão no Contexto Psicanalítico". Em: WINNICOTT, Donald. *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____ "Variedades Clínicas de Transferência". Em: WINNICOTT, Donald. *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

_____*O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____ *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Maria de Fátima Delgado Lopes
Graduanda em Psicologia na Universidade Federal Fluminense
Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: mflopes@ymail.com

[1] Gostaria de citar, dentre os que me chamaram a atenção e influenciaram na escolha do tema deste trabalho, os seguintes, conforme constam da bibliografia: Forlenza Neto (2007), Bezerra & Ortega (2007), Ortega (2007) e Vilete (2002).